

RESENHA

"Pidgin" e "crioulo" como rótulos sócio-históricos

Bruno Pinto SILVA 

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Na conferência “*How Pidgins Emerged? Not as We Have Been Told*” proferida por Salikoko S. Mufwene, professor do Departamento de Linguística da Universidade de Chicago, e destacado especialista na área de estudos de línguas classificadas como *pidgins* e crioulos, questionam-se diversos pontos da narrativa tradicional adotada por muitos linguistas sobre a emergência de *pidgins* e crioulos. Toda a obra de Mufwene se contrapõe à narrativa tradicional acerca de *pidgins* e crioulos por, entre vários outros pontos, redefinir a compreensão dos rótulos “*pidgin*” e “*crioulo*”. Segundo Mufwene, *pidgins* e crioulos se desenvolveram separadamente, em ecologias diversas, e em épocas diferentes. A partir desta perspectiva, os rótulos “*pidgin*” e “*crioulo*” são rótulos sócio-históricos, não estruturais e tampouco se relacionam a uma etapa de um ciclo de vida.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

Raquel Freitag (PPGL/UFS)

REVISADO POR

Ana Livia Agostinho

DATAS

Recebido: 14/05/2020

Aceito: 26/05/2020

Publicado: 29/06/2020

COMO CITAR

SILVA, B. P. (2020).

“*Pidgin*” e “*crioulo*” como rótulos sócio-históricos. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 2, p. 1-4, 2020.

ABSTRACT

In the conference “*How Pidgins Emerged? Not as We Have Been Told*” delivered by Salikoko S. Mufwene, professor at the Department of Linguistics of The University of Chicago, and distinguished specialist in the study of languages classified as *pidgins* and creoles, much of the traditional narrative about the emergence of *pidgins* and creoles is brought into question. All of Mufwene’s work challenges the traditional narrative about *pidgins* and creoles by, among other things, redefining the comprehension about the labels “*pidgin*” and “*creole*”. According to Mufwene, *pidgin* and creoles developed in separate places, in different ecologies, and in different periods. From this perspective, the labels “*pidgin*” and “*creole*” are understood as sociohistorical labels, not as indicating a structural typology or stages of a *Pidgin-to-Creole* life cycle.

PALAVRAS-CHAVE

Crioulística. Crioulos. Linguística de Contato. *Pidgins*.

KEYWORDS

Creolistics. Creoles. Contact Linguistics. *Pidgins*.

Introdução

A conferência “*How Pidgins Emerged? Not as We Have Been Told*” apresentada por Salikoko S. Mufwene, professor do Departamento de Linguística da Universidade de Chicago, como parte do evento Abralín ao vivo – *Linguists online*, é de notável importância não apenas aos linguistas cujas pesquisas se inserem na Linguística de Contato, ou ainda mais precisamente dos que lidam diretamente com crioulos e *pidgins*, mas também a todos os colegas das demais áreas que não estão a par das longas discussões que ainda estão em andamento na área conhecida como “crioulística”.

É muito comum que em manuais de Linguística, dicionários de Linguística e, conseqüentemente, nossas aulas nas Letras, explique-se a gênese de línguas crioulas exclusivamente por meio do modelo clássico conhecido como “ciclo de vida dos crioulos” (HALL 1962, 1966). Tal ciclo tem, resumidamente, as seguintes etapas: *pidgin* → crioulo → pós-crioulo. É justamente este ciclo que toda a obra de Salikoko S. Mufwene questiona. Questionar esta ideia tão antiga na Linguística se vê claramente no título da conferência sobre a qual ora se comenta, e também em seus muitos livros, capítulos de livros e *papers* em que se faz questão de citar Crioulos e *Pidgins* (nesta ordem), só para contrariar a ordem do Ciclo de Vida.

Mufwene começa sua conferência chamando a atenção para a narrativa tradicional dentro da Linguística acerca do desenvolvimento de *pidgins*. *Pidgins* seriam línguas que se desenvolveram a partir do contato esporádico de comerciantes europeus com populações não europeias entre os séculos XV e XIX. Destes contatos, teriam surgido línguas reduzidas, menos complexas, como resultado de uma ‘aprendizagem imperfeita’ (como se lê comumente na literatura especializada). Com o tempo, os *pidgins* passaram pelo processo de nativização, ou seja, passaram a ter falantes nativos e, desse modo, se tornaram línguas crioulas. Em suma, a tradicional diferença entre *pidgins* e crioulos seria o fato de *pidgins* não terem falantes nativos, pois ao se expandirem e passarem a ter falantes nativos tornam-se crioulos (cf. BICKERTON 1984).

Mufwene traz à tona em seus textos, e também na conferência que é tema desta resenha, o fato de que a narrativa tradicional muitas vezes é anistórica e anacrônica (i.e., é contrária à História e à cronologia dos fatos). Com isso, levantam-se muitas questões importantes que são deixadas de lado na narrativa tradicional. É imprescindível, por exemplo, entender como se davam as interações sociais nas transações comerciais, a ordem dos acontecimentos dos processos de globalização, e levar

em conta o que a História diz sobre a ecologia particular de cada caso em que surgiu uma nova língua a partir do contato. Estes são alguns dos pontos levantados por Mufwene em sua conferência, e visto que eu não entrarei em sua argumentação aqui, fica a recomendação aos interessados a leitura de Mufwene (2007) para explicação mais ampla.

Mufwene prossegue então com o objetivo de defender que os rótulos “*pidgin*” e “crioulo” são rótulos sócio-históricos, não estágios ou etapas de um ciclo. Trazendo a atenção para fatos históricos, ele mostra que crioulos e *pidgins* se desenvolveram em ecologias diferentes e em épocas diferentes. Em Mufwene (2015), explica-se que *pidgins* surgiram em colônias desenvolvidas em torno de fortes de comércio, ao passo que crioulos se desenvolveram em colônias de povoamento cuja atividade principal era o cultivo de cana-de-açúcar e arroz por parte de escravos. Em sua conferência, Mufwene também enfatiza que o termo “crioulo” surgiu no final do século XVI na América Latina, ao passo que o termo “*pidgin*” surgiu no começo do século XIX em Cantão, na China.

Repensar toda a narrativa tradicional sobre a gênese de crioulos e *pidgins* é muito importante por várias razões e passarei a comentar algumas delas, ainda que de maneira bastante superficial, não da maneira que gostaria. Espero, no entanto, que as referências usadas nesta resenha sirvam aos leitores para remediar isso.

A tradição do ciclo de vida dos crioulos criou também a tradição de considerar estas línguas como exceções a todas as outras línguas naturais. Por sua vez, isso levou a que se postulassem teorias específicas que tentam explicar a gênese de uma língua a partir do contato. Estas teorias, no entanto, deixam de lado questões sócio-históricas que são vitais para contar a história dessas línguas e entender como de fato se deu a formação delas.

Entre algumas das noções que nasceram desta tradição, pode-se citar (1) a quebra ou ruptura de transmissão linguística regular, (2) a aprendizagem imperfeita, (3) a quebra da relação genética dessas línguas com aquelas que participaram de sua formação. Também é comum que na literatura apareçam questionamentos quanto à complexidade de *pidgins* e crioulos. Em Dixon (2010, p. 21), por exemplo, lê-se que “dentre os crioulos mais bem documentados, nenhum se equipara à complexidade – ou ao poder comunicativo – de uma língua não-crioula”. Tal comentário em um livro de introdução a teorias linguísticas é reflexo da ideia de que tanto *pidgins* quanto crioulos são menos complexos do que línguas que não têm estes mesmos rótulos.

Ora, será mesmo que a faculdade da linguagem dos primeiros falantes de *pidgins* e crioulos tem um funcionamento diferente da dos falantes de línguas que não são classificadas como *pidgins* e crioulos? Por muito tempo prevaleceu a ideia de que esses primeiros falantes de línguas de contato eram pessoas “de uma raça linguística inferior”, como se lê no “Dictionnaire des Sciences Anthropologiques” de Julien Vinson (1889 *apud* ABOH e DEGRAFF, 2017). Olhar atentamente para o começo da narrativa tradicional da crioulistica nos ajudará a ver que ideias colonialistas acerca de crioulos e *pidgins* penetraram de tal modo esses primeiros estudos que até hoje prevalecem (cf. DEGRAFF 2005). Estas ideias precisam ser repensadas com urgência, e é justamente isso que está sendo feito por Mufwene e outros cujos objetivos de investigação tocam especialmente nessas ideias tão propagadas na crioulistica clássica.

Entre outros linguistas que seguem a linha de Mufwene, e que também têm contribuído para revisitar e repensar essas ideias clássicas da crioulística, estão Enoch Aboh, Michel DeGraff e Umberto Ansaldo, para citar apenas alguns. Recomendo a leitura de Ansaldo *et al.* (2007) a todos os dispostos a repensar os estudos de *pidgins* e crioulos. Neste livro, do qual Mufwene é coautor de um dos capítulos, trata-se de alguns mitos sobre línguas crioulas, a saber, o mito da simplicidade, o mito da descrioulização, o mito da diacronia excepcional (no sentido negativo da palavra).

REFERÊNCIAS

- ABOH, Enoch; DEGRAFF, Michel. *A Null Theory of Creole Formation Based on Universal Grammar*. Oxford Handbooks Online, 2017. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199573776.013.18
- ANSALDO, Umberto; MATTHEWS, Stephen; LIM, Lisa. *Deconstructing Creole*. John Benjamins: 2007.
- BICKERTON, Dereck. The language bioprogram hypothesis. *The brain and behavioral sciences* 7(2), p. 173-221. 1984.
- DEGRAFF, Michel. Linguists' most dangerous myth: The fallacy of Creole Exceptionalism. *Language in Society*, 34(04), 2005.
- DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory*. Volume 1: Methodology. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HALL JR., Robert A. *The life-cycle of pidgin languages*. *Lingua* 11, p. 151-156, 1962.
- HALL JR., Robert. *Pidgin and creole languages*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. 1966.
- HOW Pidgins Emerged? Not as We Have Been Told. Conferência apresentada por Salikoko S. Mufwene [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 19min 11s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nsTHFxq-9w>. Acesso em: 07 maio 2020.
- MUFWENE, Salikoko S. Population movements and contacts in language evolution. *Journal of Language Contact* 4 THEMA 1: 63491, 2007.
- MUFWENE, Salikoko S. Pidgin and Creole Languages. In: WRIGHT, James (ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. 2nd edition, Vol. 18. Oxford: Elsevier, 2015.
- VINSON, Julien. Créoles. In: BERTILLON, Adolphe *et al.* (ed.). *Dictionnaire des sciences anthropologiques*. Paris: Doin, p. 345-347, 1889.